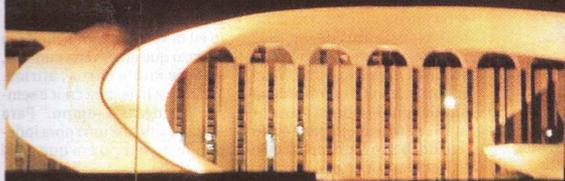


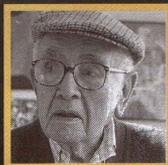
PIONEIROS

Histórias de quem fez Brasília



A emoção de ver nascer do cerrado nativo as modernas linhas arquitetônicas da cidade e ter ajudado na construção e consolidação da nova capital no centro do país foi vivida por poucos. É este sentimento, relatado pelos construtores e primeiros moradores da cidade, que está, semanalmente, registrado na série *Pioneiros — Histórias de quem fez Brasília*.

**Athos
Bulcão**



**Carlos
Barboza**



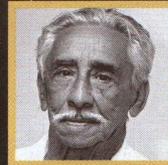
**Divanda
Ramos Pereira**



**Regina Stella
S. Quintas**



**Sebastião
Aureliano**



PIONEIROS



Athos Bulcão

Casamento perfeito entre arte e arquitetura

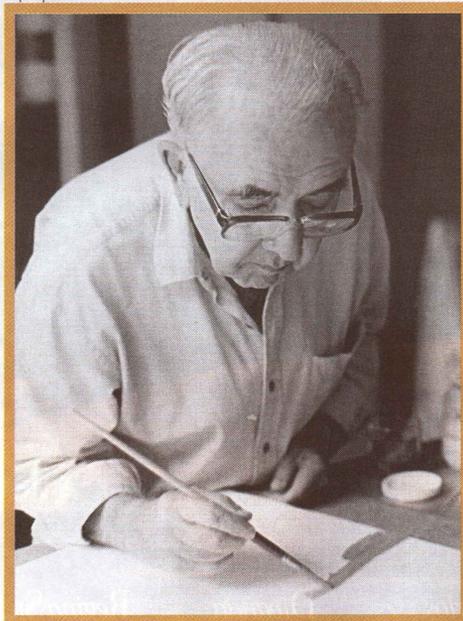
BIANCA CHIAVICATTI
ESPECIAL PARA O CORREIO

A população de Brasília acostumou-se a conviver com as obras de Athos Bulcão. Perguntas sobre a autoria dos azulejos presentes em espaços como o Parque da Cidade e a igreja Nossa Senhora de Fátima, na 108 Sul, ou painéis presentes no Panteão da Pátria e no Congresso Nacional ou os relevos das laterais do Teatro Nacional, muitas pessoas talvez não saibam responder. Mas se as intervenções do artista carioca fossem retiradas da paisagem da capital federal, certamente todos sentiriam falta.

O talento de Athos Bulcão no trabalho de colaboração com a arquitetura da cidade está presente em mais de 100 obras espalhadas em espaços públicos — como ministérios, escolas, hospitais — e residenciais, como as superquadras do Plano Piloto. Sua participação na urbanização de Brasília é tão importante que o crítico de artes plásticas, Frederico Morais, em 1998, arriscou-se a dizer que a arte de Athos “não era diferente das pedras, largas avenidas, amanheceres e entardeceres admiráveis do Distrito Federal.”

Aos 85 anos de idade, vítima do mal de Parkinson, Athos continua cordial, discreto e afável. Incapaz de promover durante toda a sua vida um gesto de autopromoção, atende à reporta-

Arquivo pessoal



gem do *Correio Brasileiro* num ato de colaboração para um bem público — o resgate da história da construção de Brasília. Esforça-se para lembrar dos detalhes da vida simples dos primeiros anos no Planalto Central, muitas vezes, sem sucesso.

Desafio

Acompanhado por Oscar Niemeyer, Athos mudou-se para Brasília em agosto de 1958. Chegava como funcionário contra-

tado pela Companhia Urbanizadora da Nova Capital (Novacap). O convite para realizar colaborações na arquitetura da cidade caíra-lhe como uma bênção, numa época em que passava por dificuldades financeiras no Rio de Janeiro.

Para sobreviver, trabalhava com decoração de interiores, atividade que sempre abominou. “É bom trabalhar para coisas coletivas”, afirmou em entrevista na comemoração de

O TRABALHO DE ATHOS DESPERTOU O INTERESSE DE NIEMEYER QUANDO ELE AINDA MORAVA NO RIO

seus 80 anos de idade. “Não há nada mais horrível do que ficar fazendo casa de gente rica. A pessoa vira capacho da dona da casa, acontecem os maiores absurdos. Vê uma coisa na casa de uma amiga e quer ter na dela igual”, justificou.

Criar intervenções para os projetos de Niemeyer na construção da futura capital do país seria um desafio. Os dois já trabalhavam juntos desde 1943, quando o arquiteto, ao vê-lo no ateliê de Roberto Burle Marx, achou que um desenho a guache de Athos poderia transformar-se em azulejo para o projeto do Teatro Municipal de Belo Horizonte, que não chegou a ser executado.

Em 1944, Niemeyer o procurou novamente, propondo a realização de uma mostra para inaugurar a sala de exposições da sede do Instituto de Arquitetos do Brasil (IAB), na Cinelândia, bairro do Rio de Janeiro. No ano seguinte, o artista se aproximaria mais uma vez do arquiteto, como assistente de Cândido Portinari na construção do mural da igreja de São Francisco de Assis, no parque da Pampulha, na capital mineira — projeto responsável por colocar Niemeyer entre os inovadores da arquitetura moderna.

Mas a construção de Brasília, além de muito criticada, era um desafio contra o relógio. “Todo mundo achava que não daria

tempo para concluir a cidade”, conta Athos. “Eu também tinha medo de que não desse e quando cheguei aqui achei uma loucura trazer a capital do país para cá”, confessa. A preocupação, entretanto, deu lugar à produção e fortaleceu de vez os laços da parceria arte-arquitetura mais elogiada da história brasileira.

“Não havia discussão, Niemeyer me mostrava em qual projeto eu deveria intervir e me dava o prazo que eu deveria cumprir, sempre muito curto”, afirma. “Eu ficava livre para criar e sempre entregava a tempo.” Para Athos, o valor de uma obra independe do tempo em que ela é concebida.

Dessa forma, as duas criações que mais gosta foram realizadas no período de uma semana cada — os azulejos da Igreja Nossa Senhora de Fátima, na 108 Sul, e os relevos do Teatro Nacional.

A igreja foi a primeira obra de intervenção assinada por Athos na nova capital, em 1958. Nela, o artista estabeleceu um jogo de simbologia com as imagens da pomba e da estrela. Escolheu-as como signos que marcavam um gesto de bênção, unção e proteção. A pomba seria o espírito Santo pairando sobre a cidade e a estrela o sinal do nascimento.

O trabalho no projeto do Teatro Nacional foi encomendado na chegada de Niemeyer após uma viagem para Israel. O arquiteto pedia que Athos fizesse azulejos

PIONEIROS

O artista veio para a capital em construção como parceiro de Niemeyer, com quem trabalhava em alguns projetos. Ia ficar até a inauguração, mas acabou se mudando definitivamente para a cidade

ATHOS GOSTOU DO ESPAÇO DE BRASÍLIA E NUNCA MAIS DEIXOU A CIDADE

para a obra, mas achava que a pirâmide, por ser uma forma sólida, poderia ficar leve demais como o objeto. A solução deveria ser então algo que desse peso e leveza ao mesmo tempo. Uma semana depois, a idéia dos relevos que vemos hoje nas paredes externas do teatro começava a ser executada.

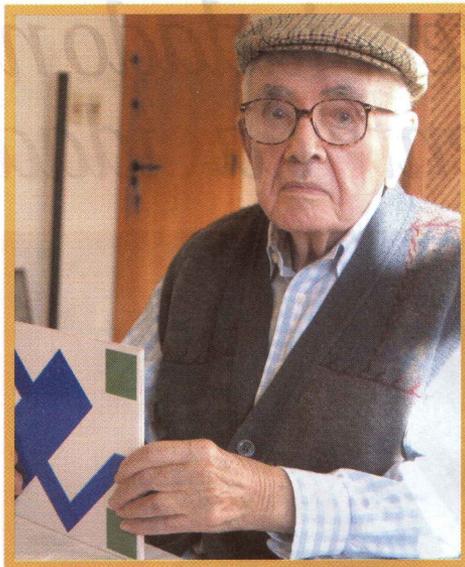
Novacap

Órfão de mãe aos quatro anos de idade, em Teresópolis (RJ), Athos foi criado por duas irmãs cerca de dez anos mais velhas. Solteiro e sem filhos, aos 39 anos, o artista mudou-se do Rio de Janeiro para morar em Brasília sozinho. O cenário inóspito da capital em construção, no entanto, não assustava o artista, apreciador do silêncio. A sensação de espaço no Planalto Central encantou o artista.

Mas a moradia na futura capital do país seria provisória, apenas até sua inauguração, em abril de 1960. Até este ano, então, o artista viveu em uma casa popular construída onde hoje está a quadra 709 Sul.

O escritório da Novacap ficava na Esplanada dos Ministérios, próximo ao lugar onde hoje está o Ministério da Justiça. Depois de concebidas as intervenções, os projetos eram enviados para o Rio de Janeiro ou Belo Horizonte para a fabricação do material. Apesar da precariedade da cidade em construção, Athos tinha uma vida confortável. Almoçava em casa e era transportado pela cidade por um ônibus da Novacap.

Dois anos depois, terminou optando por continuar na capital federal inaugurada. "Sentia falta da vida noturna do Rio, mas viajava com frequência para lá", diz. "Gostava da camaradagem



que existia entre as pessoas aqui e do clima propício ao trabalho", completa. A casa na 709 Sul foi trocada por outra na mesma rua, onde Athos viveu até 1978.

Entre 1962 e 1965, o artista integrou o quadro de professores do Instituto Central de Artes da Universidade de Brasília. O projeto da universidade lhe atraía pelo que se propunha a ser — referência no ensino superior para o país, com proposta de educação conectada com a busca de soluções para os problemas do Brasil e centro de experimentação no campo das artes.

Mas a insatisfação com o regime militar instaurado em 1964 levou-o a fazer parte de um levante de mais de 200 professores da universidade que se deram em 1965, como forma de protesto às arbitrariedades praticadas na unidade de ensino-superior naquela época. Em 1988, Athos foi reintegrado à

UnB, onde lecionou até 1990.

Simplicidade

As intervenções de Athos na arquitetura de Oscar Niemeyer em Brasília são resultado de experimentação e observação. A sensibilidade do artista o levou a desenvolver uma estética moderna do azulejo na arquitetura, optando pelo abstrato em detrimento do figurativo, pesquisando os efeitos das formas geométricas na relação com os espaços públicos. Nesta busca, conseguiu tamanha depuração que os desenhos dos azulejos permitiam que os operários escolhessem a forma de encaixá-los nas edificações sem qualquer orientação.

Além dos projetos de Niemeyer, em Brasília, Athos encontrou outro parceiro de semelhante importância em sua obra — o arquiteto João Filgueiras Lima, o Lelé. Os dois se conheceram em uma festa na superquadra 106 Sul, em 1959. Três anos depois,

“NÃO HAVIA DISCUSSÃO, NIEMEYER ME MOSTRAVA EM QUAL PROJETO EU DEVERIA INTERVIR E ME DAVA O PRAZO QUE EU DEVERIA CUMPRIR, SEMPRE MUITO CURTO. EU FICAVA LIVRE PARA CRIAR E SEMPRE ENTREGAVA A TEMPO”

Athos era convidado a intervir em projetos do arquiteto, como relevos, divisórias e painéis no edifício da Disbrave, no Hospital de Taguatinga, nas secretarias do Tribunal de Contas da União em Salvador (BA), Belo Horizonte (MG), Natal (RN), Vitória (ES) e Aracaju (SE) e nos hospitais da rede Sarah Kubitschek em Brasília, Salvador, Aracaju, Belo Horizonte, Natal e Vitória.

Para Lelé, os trabalhos de Athos não são meramente decorativos, interferem em sua concepção de arquitetura, não são quadros que se penduram nas paredes para enfeitar o ambiente. Da parceria com o arquiteto, destaque para as criações produzidas para o hospital Sarah Kubitschek em Brasília, feitas com objetivo de atenuar o peso dos ambientes, inserir vibrações de cor, sugerir uma relação mais saudável entre o espaço e seus usuários.

Raio X

Nome: Athos Bulcão
Idade: 85 anos
Origem: Rio de Janeiro
Profissão: Artista Plástico
Ano de chegada a Brasília: 1958
Principais obras na cidade: Lateral do Teatro Nacional, azulejos da Igreja da Igrejinha (108 Sul), azulejos dos banheiros do Parque da Cidade, portas, paredes, divisórias, painéis e azulejos do Hospital Sarah, porta e teto da Capela do Palácio da Alvorada, paredes de mármore, azulejos e divisórias do Palácio do Itamaraty e anexos, azulejos da Escola Classe (SQN 407/408), parede de mármore do Supremo Tribunal Federal, azulejos e parede acústica no Setor Militar Urbano, paredes, azulejos e divisórias no Congresso Nacional, paredes no Palácio Jaburu, parede no Cine Brasília, azulejos do batistério da Catedral Metropolitana, parede de mármore no Memorial JK, azulejos no Palácio do Planalto, azulejos no Mercado das Flores, azulejos da Assembléia Legislativa do DF, azulejos do Aeroporto Internacional Juscelino Kubitschek



Expediente

Coordenação do Projeto João Lobo Edição Rozane Oliveira Reportagem Bianca Chivacatti, Stela Maris Zica e Vinícius Nader Fotos Daniel Farias, Arquivo Público do Distrito Federal, Arquivo pessoal dos pioneiros e do Correio Braziliense Revisão João Neto Diagramação Glauco Gonçalves Projeto Gráfico Ary Moraes

Agradecimentos ao Clube dos Pioneiros e à Associação dos Candangos e Pioneiros de Brasília pela ajuda na identificação e escolha dos entrevistados

PIONEIROS



Carlos Ananias Barboza

Orgulho por ter ajudado no desenvolvimento da cidade

VINICIUS NADER

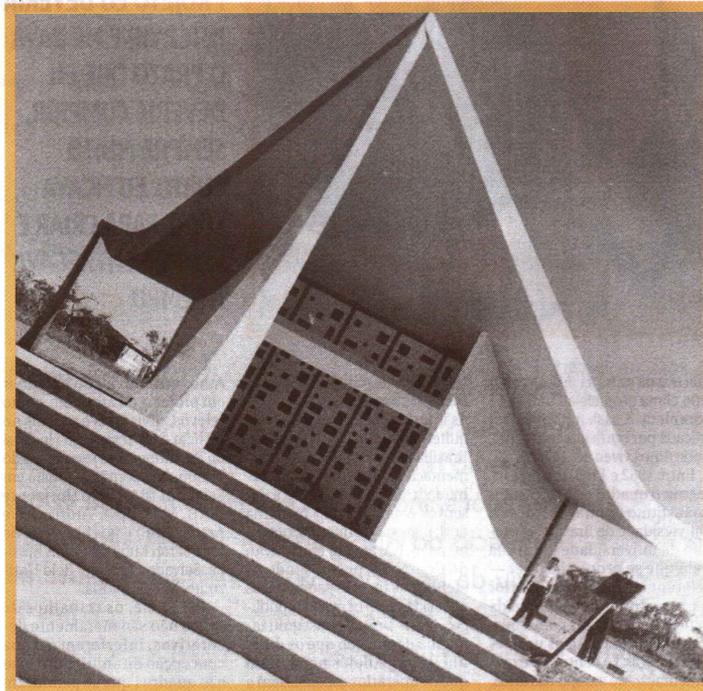
ESPECIAL PARA O CORREIO

O dia 24 de maio de 1960 foi para lá de especial para o pioneiro Carlos Ananias Barboza. A data marcou seu aniversário de 27 anos e sua chegada em definitivo a Brasília, cidade que ele já havia visitado alguns meses antes. “Brasília foi meu presente de aniversário daquele ano”, lembra Carlos, garantindo que o presente foi muito bom. Mas esse presente não se revelou dos mais agradáveis logo no início. “Estava sobrevoando a cidade em um bimotor da Real, que balançava horrores, quando virei para Antonio Venâncio da Silva e perguntei o que era toda aquela poeira lá embaixo. Ele me respondeu que era Brasília e eu entrei em desespero”, conta às gargalhadas o pioneiro, que estava preocupado com a vasta cabeleira que ostentava naquela época.

O desespero de Carlos só aumentou quando ele desembarcou no aeroporto de madeira e se viu hospedado no Hotel Rio de Janeiro, também construído todo em madeira. Como se não bastasse, o frio era tão grande que, de madrugada, chegava a serenar entre as telhas, o que acabava molhando os hóspedes.

A primeira vez que Carlos Ananias Barboza veio a Brasília foi às vésperas da inauguração

Arquivo Público



da capital federal, no dia 20 de abril de 1960, para registrar os terrenos onde seriam construídos os prédios de Antonio Venâncio da Silva. O jovem administrador de empresas deixava o Rio de Janeiro a convite do empresário, com quem já havia trabalhado na capital fluminense e em Fortaleza. “Trabalhávamos bem em equipe e ele me convidou para vir supervi-

sionar as obras dos edifícios Ceará e Antonio Venâncio da Silva”, afirma o pioneiro, lembrando que quando começou a construção do Ceará havia apenas três prédios (o Banco do Brasil, o Juscelino Kubitschek e o Hotel Nacional) no Setor Comercial Sul, além do Hospital Distrital e da Rodoviária do Plano Piloto que são ali perto.

Depois de cumprida a missão

de registrar os terrenos, Carlos assistiu à inauguração da cidade — “uma festa fantástica digna da cidade que estava sendo inaugurada” —, o pioneiro voltou ao Rio de Janeiro e só veio para cá em definitivo dois meses depois.

Dessa vez, ele não viria para se hospedar no Hotel Rio de Janeiro, embora tenha passado três noites no local, mas sim pa-

A IGREJINHA TRAZ BOA RECORDAÇÃO PARA CARLOS: O CASAMENTO COM ROSIMARI

ra ficar de vez no acampamento da Construtora Caiçara, na altura da 409 Sul. “Eram casas simples e havia tanto pernilongo que precisávamos dormir de mosquitoireiro, que nem bebês”, lembra Carlos.

Os cafés da manhã eram animadíssimos regados a “impressionantes” baldes de café e leite e uma “infinidade” de pão com manteiga. As compras eram feitas no mercado São Jerônimo, na Cidade Livre, onde tudo acontecia em Brasília. “Como as obras eram rápidas demais, eu ia para a Cidade Livre por um caminho e quando voltava já era outra rua que estava pronta no lugar daquela”, afirma Carlos.

Com tanto trabalho, inclusive dominical, não sobrava muito tempo para a diversão. Mas Carlos e seus amigos apostavam na máxima de que quantidade não é qualidade e se mandavam para Anápolis ou Luziânia ou se divertiam por aqui mesmo nas boates Pilango e Bucambo. “As músicas eram muito boas e a gente dançava muito, mas eram boates só de homens porque quase não havia mulheres na cidade e as que estavam aqui não iam lá”, diz Carlos, que até hoje é um assíduo frequentador de boates, onde dança de forró a salsa com muita propriedade. “Sou um tremendo pé-de-valsas. A dança é onde deixo as preocupações do dia-a-dia”, completa.

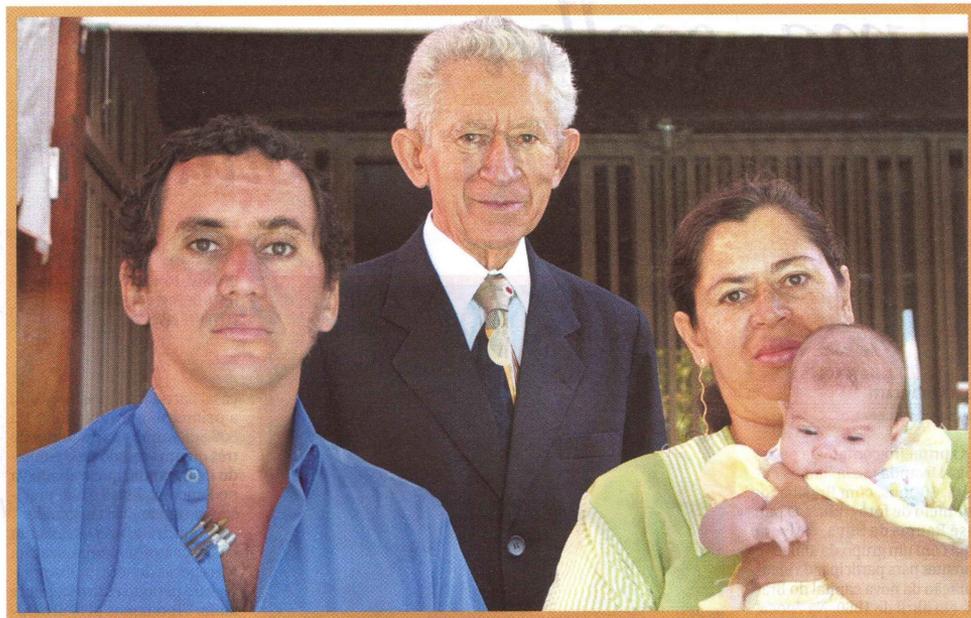
PIONEIROS

A oportunidade de trabalhar em obras na nova capital fez com que o pioneiro trocasse o Rio de Janeiro por Brasília em 1960

“**EU NUNCA SOFRI DE SOLIDÃO EM BRASÍLIA PORQUE BUSCAVA OS OUTROS TRABALHADORES PARA CONVERSAR E ARMAR FESTAS E CONFRATERNIZAÇÕES**”

Além das boates, os restaurantes da cidade também ofereciam uma opção de lazer, já que, em uma época de difícil diversão, sair de casa para almoçar ou jantar era um programa. Um dos pontos preferidos de Carlos era o restaurante Bolonha, especializado em massas. “Era um local agradável e democrático porque todas as classes — do chefe ao operário — iam sem problema algum. Não havia esse tipo de separação em Brasília”, afirma. Mesmo nos canteiros de obra, algumas vezes os trabalhadores encontravam jeito de se conhecer e fazer novas amizades, já que a maioria deles estava aqui sem um apoio familiar. “Eu nunca sofri de solidão em Brasília porque buscava os outros trabalhadores para conversar e armar festas e confraternizações”, afirma o pioneiro, que driblava as saudades da família com cartas mensais.

Mas, segundo Carlos, “a animação de Brasília era mesmo o trabalho, a construção que não parou em 1960, com a inauguração, pois ficamos mais alguns bons anos em obras”. O trabalho era tanto que, nem no dia de seu casamento, Carlos teve sos-



CARLOS COM A FAMÍLIA: A ALEGRIA DE SER AVÔ AOS 70 ANOS

sego. A data era o mesmo 24 de maio do início de tudo, mas o ano era 1962. ele estava prestes a se casar com Rosimari na Igreja de Nossa Senhora de Fátima, na 108 Sul, mas nada de o trabalho dar alguma trégua. Na tarde do tão esperado dia, foi preciso que um operário avisasse a Carlos que faltavam apenas duas horas para o início da cerimônia. O resultado foi um rosto barbeado às pressas ostentando alguns cortes de lâmina. “Valeu a pena, pois daquele dia em diante fui feliz durante 39 anos”, emociona-se Carlos, que é viúvo, pai de três filhos e somente agora, aos 70 anos, experimenta a sensação de ser avô.

Em 1964, no início dos movimentos de greve em prol da ditadura militar, o pioneiro trabalhava na finalização do edifício Antonio Venâncio da Silva quando se viu obrigado a passar a noite quase toda na oitavala da construção. Mas não era a trabalho. “Os revolucionários chegaram e

mandaram que todos descessem das obras, menos eu, que ficaria ali de refém”, lembra ele, que passou muito frio e fome naquela noite. Mas em um vacilo dos grevistas, que fugiram ao avistar um carro do Exército, Carlos fugiu direto para o Congresso Nacional, onde várias pessoas estavam sendo abrigadas. “De lá pude ver bem de perto o anúncio da vacância da Presidência e o decreto de que uma ditadura militar estava sendo instaurada no Brasil”, recorda.

Logo no início do governo dos militares, vieram fortes boatos de que a capital voltaria a ser transferida para o Rio de Janeiro, idéia que desagradava Carlos plenamente. “Na verdade, eu tinha medo de sair daqui no prejuízo de um prédio com poucas salas alugadas e outro somente no esqueleto, mas Antonio Venâncio da Silva sempre me acalmava dizendo que era de interesse de muita gente manter a capital no Planalto Central”, afirma.

A parceria com Antonio Venâncio da Silva terminou de forma amigável em 1975, quando Carlos já era pai de dois de seus três filhos e queria seguir um caminho próprio. Nascia, então, a Carlos Ananias Imóveis, empresa que existe até hoje e atua no ramo imobiliário. “A concorrência nesse ramo era muito pequena quando eu comecei porque havia pouca coisa para vender. A Asa Norte estava apenas começando e a Asa Sul não estava totalmente pronta”, afirma o empresário. Na verdade, Brasília foi crescendo aos poucos e esse ramo só veio mesmo a se aquecer quase no meio da década de 80. Aí a cidade não lembrava nem de longe aquele monte de poeira avistado por Carlos a bordo daquele bimotor. “Orgulho-me muito de ter ajudado a transformar tanta poeira e mato em uma fantástica capital federal, modelo para muitas cidades no mundo até hoje”, finaliza.

Raio X

Nome: Carlos Ananias Barboza
Idade: 70 anos
Origem: Rio de Janeiro
Ano de chegada a Brasília: 1960
Profissão: Administrador
Estado civil: Viúvo
Filhos: Mônica, Aluísio e Danielle
Neta: Rosimari



Divanda Luzia Ramos Pereira

O interesse pela c
Já formada e casa

Uma escolha consciente por Brasília

Arquivo pessoal



DIVANDA, COM 20 ANOS, EM FESTA DE FORMATURA NO ELEFANTE BRANCO

BIANCA CHIAVICATTI
ESPECIAL PARA O CORREIO

O primeiro contato da pedagoga Divanda Luzia Ramos Pereira, 60 anos, com Brasília foi por meio de fotografias. O pai, José Ramos da Silva, estivera aqui com um grupo de amigos e parentes para participar da inauguração da nova capital do Brasil, em abril de 1960. Na época, Silva era prefeito da cidade paulista de Braúna, onde Divanda vivia até então. "Me encantei com as imagens que mostravam alguns monumentos, cenas da festa de inauguração e prédios em construção", conta. "Nem imaginava que um dia participaria do desenvolvimento da cidade."

Em 1961, acompanhando o pai, Divanda visitou pela primeira vez o Distrito Federal. "Achei a cidade impressionante. Era noite e o Plano Piloto estava todo iluminado, parecia que estávamos desembarcando em outro país", recorda-se. "Lembro-me de ter conhecido a Praça dos Três Poderes, o interior do Palácio da Alvorada e o Catetinho", completa.

Dois anos depois, o casamento com o dentista Sérgio Pereira foi o responsável pela mudança definitiva para o Planalto Central. Os dois namoravam desde 1960, quando Divanda cursava Pedagogia em Lins, cidade próxima a Braúna. Pereira tinha um consultório no município e decidiu, em 1961, abandonar toda a estrutura

que possuía para se aventurar na capital da República. "No primeiro dia de funcionamento do consultório, ele havia ganhado o equivalente a um mês de trabalho em São Paulo", conta.

O consultório ficava na W3 Sul, principal centro comercial de Brasília na década de 60. "Morar ou trabalhar na W3 Sul era considerado importante na época, pois era a principal avenida de Brasília", comenta Divanda.

Durante dois anos, a pedagoga conheceu o cotidiano e as peculiaridades da nova capital por intermédio dos relatos do noivo, que a cada 15 dias a visitava em São Paulo. "Ele era entusiasmado com Brasília, dizia que aqui estava o futuro do país", afirma.

Elefante Branco

O casamento aconteceu em Braúna, no início do ano de 1963. Depois das festividades, o

casal partiu para Brasília. Aqui, a primeira moradia ficava na 308 Sul, numa apartamento de três quartos cedido pelo cunhado de Divanda, que trabalhava no Banco do Brasil e não precisava de um imóvel tão grande.

A quadra ainda estava em construção e sem urbanização. Nas épocas de seca, muita poeira, e no período chuvoso, muita lama. "Torcíamos pela urbanização da quadra, e quando ela começou a ser feita, mudamos de endereço", conta.

Não foi difícil fazer amizades. Morador da cidade desde 1961, Pereira já tinha um círculo grande de conhecidos com quem jogava basquete nas horas de folga. "Primeiro, os jogos aconteciam numa quadra de esportes ao lado do Caseb", revela. "Depois, eles descobriram que nas obras paradas da sala Villa-Lobos, no Teatro Nacional, era possível realizar os jogos e mudaram as competições para lá", acrescenta. Enquanto os homens jogavam, as mulheres torciam na arquibancada improvisada onde hoje ficam as cadeiras da sala mais importante do teatro.

A colocação profissional aqui também foi rápida. Divanda foi logo contratada como professora de Didática Geral, Filosofia e História da Educação no Centro de Ensino Elefante Branco. O colégio público era referência nacional em educação na época. "Por causa desta fama, recebíamos visitas ilustres com frequência, co-

mo o astronauta Yuri Gagarin e o mímico francês Marcel Marceau, que se apresentou para os alunos e professores", conta.

Consultório em casa

Depois de dois anos na 308 Sul, Divanda e o marido mudaram-se para uma casa na antiga quadra 23 da W3 Sul, hoje equivalente à 707. A moradia seria provisória, uma vez que Pereira construía uma casa no padrão HP3 (habitação popular de três quartos) em um terreno adquirido na 703 Sul para a família morar.

Um dos quartos da casa alugada, na entrada do imóvel, passou a ser usado como recepção do consultório dentário montado no segundo quarto da casa. A privacidade do casal, já com uma filha, ficava restrita ao terceiro dormitório.

O tempo de permanência no imóvel locado foi curto. A pedido do proprietário, o casal teve que rescindir o contrato antes do término da residência na 703 Sul e mudar-se para uma das lâminas do Banco do Brasil, na 303 Sul.

Os blocos da quadra ainda não existiam e o espaço era ocupado por casas de madeira com varandas, onde Divanda e Pereira viveram até a conclusão da moradia definitiva.

Em 1967, com a casa HP3 pronta, os dois se mudaram para o imóvel e o consultório do dentista passou a funcionar no subsolo, com uma infra-estrutura que impressionava amigos e clientes.

a cidade começou alguns anos antes da mudança para a nova capital. Casada, a pioneira veio para Brasília em 1963 e aqui construiu a vida

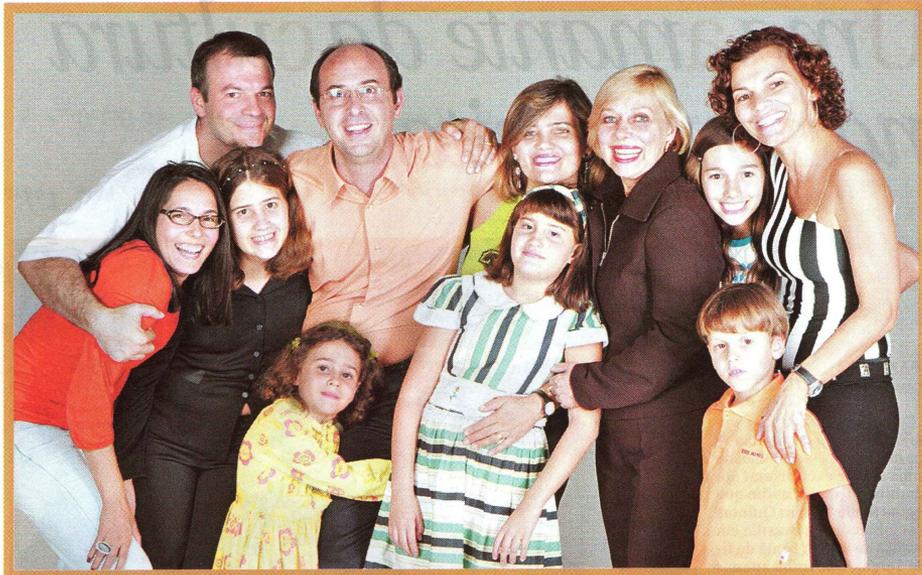
COM OS FILHOS E NETOS NASCIDOS NA CIDADE QUE AJUDOU A CONSOLIDAR

Cultura e arte

O convívio social do casal na capital da República na década de 60 era intensificado por reuniões realizadas no apartamento do artista plástico Glênio Bianchetti. Divanda e Pereira iam com frequência à casa do gaúcho tomar café e conversar sobre cultura e arte. Os encontros aconteciam no início das noites e reuniam nomes importantes da música, pintura, escultura, cinema e outras expressões artísticas nacionais, como Scliar, Glauco Rodrigues, Kraichberg e Orlando Vilas Boas.

Apreciador das artes, o casal também era frequentador assíduo dos eventos realizados no teatro da Escola Parque, na 308 Sul. Lá, aconteciam festivais de cinema tcheco, polonês e brasileiro, sempre seguidos de debates com críticos e estudiosos. Também não perdiam os festivais do Cinema Brasileiro do Cine Brasília. "O evento era um grande acontecimento social, com direito a traje de gala e a presença de artistas como Dina Sfat, Paulo José e Leila Diniz", afirma.

Na década de 70, com a instalação do Palácio do Itamaraty e das embaixadas, Brasília passou a receber espetáculos de fama internacional, como os balés clássicos da Ópera de Paris, Kirov e Bolshoi, os balés folclóricos da Ucrânia, Senegal e Tailândia e ainda concertos de orquestras sinfônicas e de câmara. Estes eventos eram realizados nas dependências do Teatro Nacional. Outro lugar também movimentado por grandes acontecimentos culturais na cidade era a Concha Acústica. Divanda esteve nas apresentações do Balé de



Stuttgart e no show de Elis Regina realizados aqui.

Reconhecimento

Após sete anos trabalhando no Elefante Branco, Divanda foi convidada para integrar o Departamento de Planejamento da Secretaria de Educação do DF. Nesta época, o marido começava a trabalhar no desenvolvimento de um programa que terminou se tornando referência na área de Saúde Pública — o Programa Integrado de Saúde Escolar (PISE).

O PISE foi lançado em 1977 e implementado pela Secretaria de Educação do DF. Destinado a proporcionar cuidados preventivos educativos e clínica básica aos alunos matriculados na rede pública da capital federal, o PISE chamava a atenção pela ampla utilização de tecnologias e de métodos de trabalho pouco sofisticados, de baixo custo, porém eficazes no atendimento às crianças.

“O EVENTO (FESTIVAL DE CINEMA) ERA UM GRANDE ACONTECIMENTO SOCIAL, COM DIREITO A TRAJE DE GALA E A PRESENÇA DE ARTISTAS COMO DINA SFAT, PAULO JOSÉ E LEILA DINIZ”

As ações se concentravam principalmente na medicina e odontologia preventivas, na vigilância sanitária, nutrição e educação para a saúde. Fez parte do programa, por exemplo, uma fábrica de óculos para os portadores de deficiências visuais das escolas do DF.

O PISE atraiu grandes profissionais e pesquisadores de Saúde Pública para o Distrito Federal e chegou a ser apresentado em Washington, em conferência da Organização Mundial de Saúde (OMS). Depois disso, foi publicado em quatro idiomas e implantado no Peru e ilhas do Caribe.

Pereira faleceu em 1995, vítima de um acidente de automóvel. Mesmo conhecendo 51 países, Divanda decidiu permanecer em Brasília e diz que não troca a cidade por nenhuma outra no mundo. "Criei raízes aqui, não me adaptaria em outro lugar", justifica. A pedagoga aposentou-se pelo Conselho de Educação do Distrito Federal.

Raio X

Nome: Divanda Luzia Ramos Pereira
Idade: 60 anos
Ano de chegada a Brasília: 1963
Origem: Bratúna, São Paulo
Profissão: Pedagoga
Marido: Fernando Brites
Filhos: Andrea Divanda, Juliana Divanda e Cristiano Sérgio
Netos: Ana Luiza, Ana Cecília, Ana Clara, Júlia e Sérgio

PIONEIROS



Regina Stella Studart Quintas

Uma amante da cultura na nova capital

STELA MÁRIS ZICA

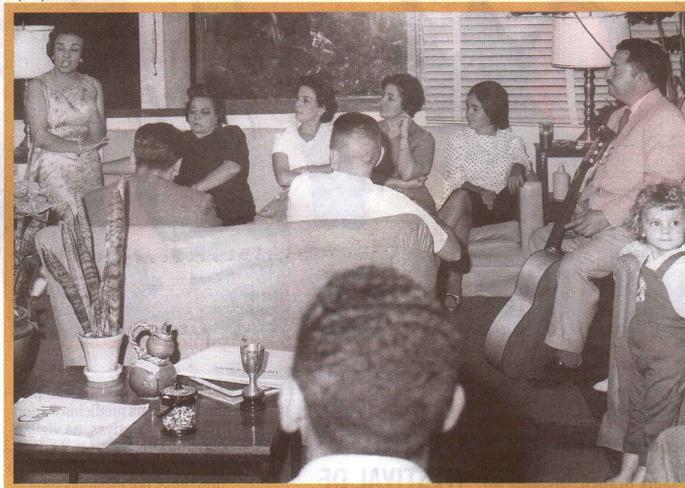
ESPECIAL PARA O CORREIO

Cinco filhos pequenos e um diploma de química na mão — que não tinha lá tanta utilidade numa cidade exclusivamente administrativa. Foi assim que Regina Stella Studart Quintas desembarcou em Brasília em meados de 60. Por conta do filho Sergey, que tinha apenas seis anos de idade, ela nem teria pisado o cerrado. “Assim que chegamos, meu filho olhou em seu redor e, chorando, disse que queria ir embora dessa cidade desmanchada”, conta a pioneira, que logo na chegada teve de convencer o garoto de que a cidade estava apenas começando.

Talvez ela não tivesse vindo se o marido, Expedito Quintas, não estivesse morando em Brasília desde a inauguração. Ele fora convidado para chefiar a sucursal do *Diário de Notícias*, do Rio de Janeiro, aqui. “Eu vim preparada para morar e me acostumar com o estilo de vida que levaria na cidade, porque o Expedito me contava como eram as coisas por aqui”, afirma. “Ele dizia que aqui mais parecia uma fazenda”, completa. Para preencher o tempo, a também pianista fez questão de trazer seus livros e algumas partituras.

Regina conta que muitos funcionários do governo naquele tempo faziam de tudo para não deixar o Rio de Janeiro. A pioneira ainda guarda na lembrança

Arquivo pessoal



ça a letra de uma música tocada nas rádios cariocas contra a mudança da capital: “Não vou, não vou para Brasília/Nem eu, nem minha família/Mesmo que seja para ficar cheio de grana”. Ela conta ainda que nos finais de semana era uma rovoada de passageiros que deixavam Brasília para rever a família. “Aqui havia uma expressão muito famosa para denominar o último voo da sexta-feira. Era o último trem de Berlim. Os lugares no voo eram bastante disputados”, garante.

Sentimentos nobres

A adaptação ao local não foi tão difícil. O espírito de pioneira está no sangue e na trajetória de vida da artista, que aos 20 anos de

idade trocou o sossego da cidade de Fortaleza, onde nasceu, pelos estudos na Faculdade de Filosofia do Rio de Janeiro. Foi lá que ela conheceu o noivo, também químico, e com quem se casou em 1950. Nem o barro, nem a falta de estrutura da cidade foram capazes de tirar a alegria da candanga. “Eu vim imbuída dos sentimentos mais nobres porque sabia que estava contribuindo para o desenvolvimento do Centro-Oeste. Sabíamos (eu e meu marido) que a construção de Brasília seria um marco para o Brasil”, declara Regina.

Quando chegou, a pioneira foi morar no Instituto dos Aposentados e Pensões dos Bancários, mais conhecido na época por

IAPB e onde hoje é a 108 Sul. Segundo conta, o apartamento era até confortável, de três quartos, e localizado numa das melhores ruas da cidade, a rua da Igreja. “Mas ele era plantado na lama”, recorda a ex-moradora de Botafogo assustada com a quantidade de poeira e barro. A pioneira lembra que o lenço na cabeça era um acessório indispensável para as senhoras daquele tempo. “A gente usava sempre que saía ou quando ia às compras na Cidade Livre (Núcleo Bandeirante). Era muita poeira”, explica. As botas também eram muito usadas pelas senhoras.

Do apartamento na 108 Sul ela acompanhou de perto o crescimento da cidade e o entusias-

NA CASA DE REGINA OCORREU A NOITE EQUATORIANA, QUE UNIU ARTISTAS DO EQUADOR E DO BRASIL

mo do grande idealizador, Juscelino Kubitschek, que acabou conhecendo durante a cerimônia de inauguração do *playground* da quadra. “Ele chegou com seus assessores e aos poucos as crianças e as mães o foram rodeando. Ele tinha um carisma enorme e era um homem de muita visão”, elogia.

Cultura e educação

A preocupação com a educação dos filhos levou Regina a matricular todos eles na Escola Classe que ficava na mesma quadra onde moravam. “Eram as melhores escolas do país. Os professores vinham de longe e eram todos consagrados”, garante. Com os filhos na escola, a pioneira pôde então se dedicar à literatura e à cultura. “Como os moradores daqui viviam longe de suas cidades de origem e de suas famílias, a gente procurava se aproximar e buscar uma maior integração”, explica.

Foi naquele mesmo ano que Regina teve a honra de receber, em sua casa, artistas equatorianos que estavam em visita à nova capital. A Noite Equatoriana foi uma das primeiras atividades culturais da cidade a ser realizada em uma residência. Até o amanhecer, os escritores e artistas plásticos do Equador e de Brasília trocaram versos e ritmos, tudo regado a muita música latino-americana. Era a cultura de Brasília que nascia junto com os primeiros raios do dia.

PIONEIROS

Formada em Química no Rio de Janeiro, a pioneira veio ao encontro do marido, que já morava na cidade, e acabou se dedicando à música e à literatura na nova capital



REGINA COM A FAMÍLIA: PRIVILÉGIO DE ACOMPANHAR O CRESCIMENTO DOS FILHOS E DA CIDADE

Segundo a pioneira, ela e os amigos muitas vezes chegaram a colocar o piano em cima de um caminhão no meio da noite para fazer serenata pela cidade. Recém-inaugurada, Brasília ainda tinha poucas opções de lazer, mas a pianista fazia questão de comparecer a todos os espetáculos em cartaz na cidade. “Uma vez eu fui a um concerto de um violinista americano na Martins Pena, e você nem acredita, havia seis pessoas no teatro. Eu e mais cinco.” O teatro vazio acabou obrigando o violinista a tocar apenas alguns minutos e a se retirar do palco. “Acho que ele arromou uma desculpa, porque não podia tocar por meia dúzia de pessoas”, acredita.

Nem a escuridão da cidade, que era pouco iluminada naquela época, impedia Regina de sair de casa para assistir aos espetáculos. Ela conta que tarde da noite andou às escuras com as amigas para assistir ao show da sobrinha de Villa-Lobos. A apresentação era numa casa de

família, na W4. “Aqui a gente tinha a sensação de liberdade muito grande. Mesmo no escuro não havia perigo de assaltos como hoje”, afirma. Esses e outros momentos da construção de Brasília ficaram guardados no coração e na memória da artista, que se considera uma privilegiada por ter participado da grande epopéia. “São tantos momentos maravilhosos dos quais participei que me sinto privilegiada porque pude acompanhar o seu crescimento, dia a dia”, afirma emocionada.

Mesmo dividida entre a cultura, a educação dos filhos e as causas sociais, Regina Stella ainda encontrou tempo para escrever as crônicas para o *Correio Brasileiro*, após o convite irrecusável do jornalista Ary Cunha. “O Ary me pediu para eu mandar uma crônica para o jornal. Então resolvi escrever.” O sucesso da crônica levou o jornalista a se tornar colaboradora do jornal por quase 30 anos. Muito antes da criação das pri-

“**UMA VEZ EU FUI A UM CONCERTO DE UM VIOLINISTA AMERICANO NA MARTINS PENA, E VOCÊ NEM ACREDITA, HAVIA SEIS PESSOAS NO TEATRO. EU E MAIS CINCO**”

meiras faculdades de jornalismo, ela já escrevia as primeiras colunas para *O Nordeste*, da arquiociedade em Fortaleza e para

um jornal estudantil.

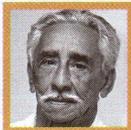
Hoje, a autora de *A Ciranda do Tempo*, *O Reto e o Oblíquo* e *Recado dos Ipês* aproveita o que de melhor a cidade oferece para fazer o que mais gosta: escrever. “Aqui, ao contrário das outras capitais, a gente pode refletir sobre as coisas”. Quando o assunto é Brasília, a escritora não economiza elogios para a capital que ela viu nascer e crescer. “Cidade do século, pelo arrojo, emergindo do cerrado, gigantesco descampado, monumental pela grandiosidade das suas formas, e única, por ter como fronteiras a amplitude. Engastada num planalto, tem uma longa jornada a realizar (...)”.

A preocupação com o futuro da cidade levou Regina a participar do Conselho da Ação Social do Planalto, fundado pela sra. Carmela Salgado (esposa de Plínio Salgado). Por algumas vezes ela assumiu a presidência do conselho, oferecendo carinho e atenção às crianças carentes das cidades-satélites de Brasília.

Raio X

Nome: Regina Stella Studart
Quantas Quintas Idade: 77 anos
Origem: Fortaleza, Ceará
Ano de chegada a Brasília: 1960
Profissão: Escritora
Marido: Expedito Quintas
Filhos: Regina, Sergey, Renio, Viviane, Nise Maria, Célia, Paula e Renan
Netos: Adriana, Eduardo, Lorena, Sergey Filho, Rafael, Ana Luíza, Rênio, Raibana, Thaissa, Fernanda, Addressa, Kiara, Tatiana e Lucas

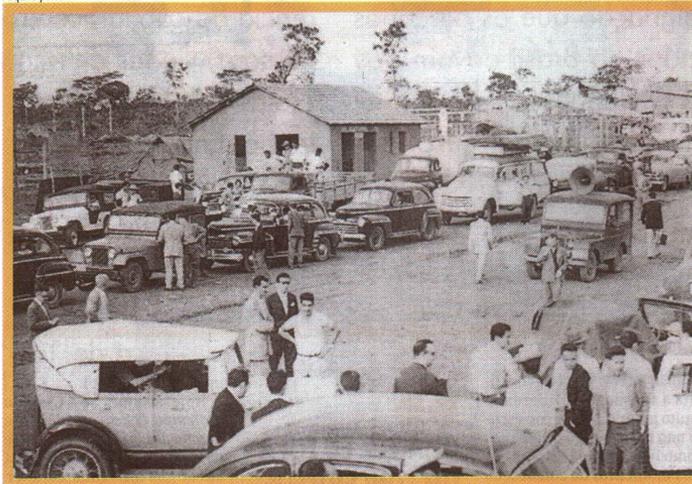
PIONEIROS



Sebastião Aureliano

Motorista de primeira hora na construção da nova capital

Arquivo pessoal



DEPOIS DE DORMIR EM BARRACAS E NO PRÓPRIO CAMINHÃO, O PIONEIRO E A FAMÍLIA FORAM MORAR NA CIDADE LIVRE

STELA MÁRIS ZICA

ESPECIAL PARA O CORREIO

A vida que ele levava no interior de Minas não era de se jogar fora. Motorista de confiança do então prefeito de Araxá, Domingos Santos (conhecido na cidade por Domingão), Sebastião Aureliano tinha uma vida estável ao lado da esposa e dos três filhos. Mas a vida tranqüila na pequena Araxá durou pouco. “Eu caí na besteira de tirar férias e aproveitei o convite do Sebastião Cachoeira (amigo) para trabalhar como motorista na capital (onde estava sendo construída Brasília). Subimos num caminhão e viemos parar aqui”, afirma o mineiro. “O Cachoeira falava que aqui estava crescendo e que a gente ia ficar rico”, brinca.

No dia 7 de junho de 1957, depois de cruzar o oeste de Minas e alcançar o estado de Goiás, o caminhão finalmente adentrou pela mata cerrada do Distrito Federal. “A estrada era péssima, tinha muitas serras, mas também era a única que existia”, lembra o visitante. Além de Sebastião e do amigo, o caminhão ainda trazia mais duas famílias e alguns parentes de Cachoeira que aproveitaram a carona.

O descampado e a paisagem desoladora do vilarejo não desanimaram o pioneiro. “Aqui não tinha nada quando cheguei, mas, naquele tempo, a gente era

novo e eu aproveitei o convite do amigo para fazer alguma coisa na vida”, afirma Sebastião. De poucas palavras, como um típico mineiro, o pioneiro conta nos dedos o que existia por aqui naquele tempo. “Só tinha quatro firmas — a Rabello, a Pacheco, a Coemge e a CCBE. O aeroporto estava no começo e só funcionava uma pista para os aviões. Nem polícia tinha no lugar. Havia uns guardas da Novacap, que o pessoal chamava de batepau, porque andavam com uns cassetetes na mão. Mas eles não batiam em ninguém”, esclarece.

A primeira residência

Conforto era uma palavra desconhecida para a maioria dos candangos. Longe da família,

Sebastião conseguiu abrigo num modesto barraco de lona, nas proximidades do aeroporto. Depois de dois meses, o pequeno barraco também serviu de residência para o restante dos Aureliano, que chegou em agosto do mesmo ano. É que Sebastião não suportou a saudade da família e tratou logo de buscá-la. “Voltei só para buscar minha família”, afirma. O caminhão mais uma vez voltou lotado. “Além da mulher, eu trouxe 10 meninos. Três meus, sete do Chico Preto (amigo de infância) e uns quarenta homens na carroceria. Hoje *tão tudo rico por aí*”, contabiliza o motorista. A insegurança no local e o medo do que a noite no cerrado poderia esconder levavam os Aureliano a buscar refú-

gio na carroceria do caminhão. “À noite, a gente deixava os barracos e dormia lá em cima, porque aqui tinha muitos bichos”, conta o filho do pioneiro.

A presteza de Sebastião e a grande oferta de trabalho naquela época o levaram a conhecer palmo a palmo os quatro cantos do Distrito Federal. Tudo a bordo de seu caminhão. “Eu sempre tive caminhão velho, mas também nunca fiquei a pé”, garante. Durante suas andanças na região, ele teve o privilégio de ver o trator que rasgava a estrada que daria lugar ao Eixão. “Aquilo ali levantou um poeira danado de mais de dois metros de altura”, lembra, emocionado.

O lema na nova capital era trabalho e mais trabalho. “Aqui, o

sujeito que não arrumava emprego era sem-vergonha mesmo”, brinca o pioneiro. De pouca prosa, Sebastião sempre foi um homem muito trabalhador. A bordo do velho caminhão, ele se cadastrou no Departamento de Topografia e Agricultura da Novacap (DTA) e ganhou as estradas do cerrado, para onde levava os topógrafos encarregados de fazer as primeiras demarcações. Segundo o pioneiro, numa viagem só, ele levava duas turmas. “Até os japoneses eu levava”, diz se referindo aos colegas Toshio e Shua, responsáveis pelo levantamento topográfico do Lago. Além dos japoneses, o mineiro também transportava o “chefeão” da construção da barragem do Paranoá, o americano Mr. Taylor, e o chefe da turma que trabalhava na obra, Herculano Lopes. “Eles andavam sempre com Bernardo Sayão, Israel Pinheiro e o dr. Ernesto Silva”, lembra.

O mineiro não perdia tempo mesmo. Uma vez por mês, ele ia a Goiânia buscar os mantimentos e as verduras para abastecer o restaurante dos engenheiros. O pão, para o café da manhã no restaurante, ele levava da Cidade Livre, para onde se mudou com a família, em 1958, depois que a esposa conseguiu emprego na Real Aerovias, lá no Núcleo Bandeirante. A família chegou a morar nas principais avenidas da cidade, “na Primeira, na Segunda e na Terceira”.

PIONEIROS

Desde 1957 em Brasília, o pioneiro teve o privilégio de a bordo de seu caminhão carregar os topógrafos que determinaram onde seriam rasgadas as primeiras vias do DF

SEBASTIÃO TEVE SEMPRE A CONVIVÊNCIA DOS FAMILIARES NAS AVENTURAS PELA NOVA CAPITAL

O caminhão de Sebastião vivia cheio. Quando não era de operários, era de madeira ou cimento, que tinham como destino a Novacap, que depois fazia a distribuição do material. Para dar conta da demanda, o integrante do Clube dos Pioneiros teve de trocar de caminhão. O aluguel do veículo o permitiu fazer novos tipos de transportes. De ambulância a mudanças. "Eu fazia ponto ali no centro de Taguatinga e no Núcleo Bandeirante". Ele sempre levava doentes ou gestantes para dar à luz nos hospitais São Vicente e Samdu. "Era assim. A gente fazia o que podia para cooperar", declara.

Com o tempo, Sebastião ficou conhecido na cidade. "A gente passava de caminhão e o pessoal (a polícia) subia para pegar uma carona até a Cidade Livre. Nem era preciso oferecer", garante o motorista. Segundo conta, ele cansou de levar o tenente Washington (que fundou a Guarda Especial de Brasília — GEB) para o Núcleo Bandeirante, que naquela época era o *point* da região. Até o transporte do pessoal das invasões era ele quem fazia. "Eu levava o pessoal para os lotes em Taguatinga, que eles tinham acabado de ganhar do governo."

Susto

Uma vez, quando fazia ponto em Taguatinga, o pioneiro foi denunciado à polícia pelo motorista da Aragarina (a única empresa de ônibus que existia em Brasília naquela época). "Acho que foi porque eu tinha deixado o caminhão no ponto da empresa. A polícia veio e me levou, junto com o meu filho e o caminhão, para a delegacia", lembra, assustado. "Horas de-



“**AQUI, O SUJEITO QUE NÃO ARRUMAVA EMPREGO ERA SEM-VERGONHA MESMO**”

pois, eles mandaram a gente embora, mas o caminhão ficou", acrescenta. Ele só recuperou o veículo no outro dia, depois de pagar uma cota.

Sebastião também carregou muitas pedras por aqui. Foi durante a construção dos alicerces da Fundação da Casa Popular, na

W3. "Naquela época lá era tudo mata cerrada. O primeiro bar que tinha lá era o do Osório — mordomo de Juscelino Kubitschek", lembra. Era no bar do Osório que ele e o fiscal da Novacap costumavam tomar um café e uma cervejinha de vez em quando. Foi numa dessas idas ao bar que ele quase viu sua vida mudar. "Eu tinha achado uma carteira com 35 mil cruzeiros. Dava para comprar uns dois caminhões", conta. A alegria de Sebastião terminou quando entrou no restaurante e viu "um sujeito chorando" e reclamando a carteira que havia perdido. "E pensar que eu podia ter começado minha vida com esse dinheiro. E o pior é que ele nem agradeceu", lamenta. O colega de Sebastião, sem saber de nada, ficou bravo quando percebeu o que estava acontecendo e com a devolução da carteira. "Você não deveria ter devolvido, dava para a gente beber muita cerveja", repete as palavras do colega. Segundo ele, Israel Pinheiro

também costumava dar uma voltinha lá pelo bar, onde tinha o orgulho de apresentar aos visitantes o que seria construído no local. "Ele dizia apontando com uma bengala. Aqui vai ser o Lago, ali o Eixão e lá a Asa Norte."

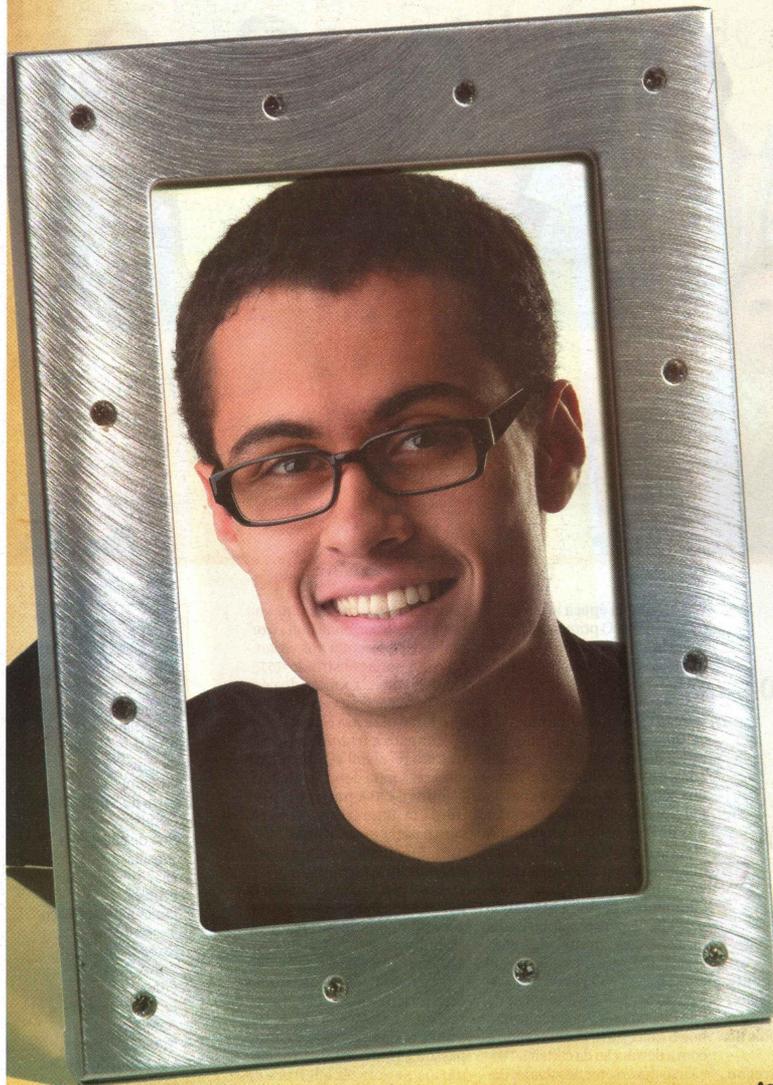
Honesto e trabalhador, Sebastião resolveu vender a casa em Araxá para deixar o aluguel. "Vendi a casa para comprar uma em Taguatinga. Não foi com o dinheiro daqui que comprei, foi com a venda da casa de lá", ressalta.

Em 1966, "com o caminhão parado e como precisava criar a família", o pioneiro resolveu abandonar seu velho companheiro (caminhão) e trabalhar para a Caesh, onde permaneceu durante seis anos. Já consolidada a nova capital da República, o morador do Guará passou a transportar os funcionários para fazer a leitura da água na cidade e também os que cortavam a água de quem não pagava", afirma.

Raio X

Nome: Sebastião Aureliano
Idade: 84 anos
Origem: Serra do Salitre, Minas Gerais
Ano de chegada a Brasília: 1957
Profissão: Funcionário público aposentado
Estado civil: Viúvo
Filhos: Eurípedes, Evalde e Ernando
Netos: Cristiano, Eurípedes, Ellen, Fernanda, Nayara, Leiliane, Loiane e Lailane

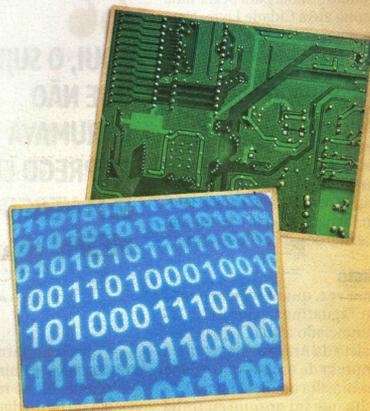
COM A CIDADE DIGITAL, MARCO VAI ENFRENTAR UM PROBLEMÃO NA HORA DE ARRUMAR EMPREGO: A DÚVIDA.



Este ano Marco vai se formar em Processamento de Dados. As perspectivas de emprego não poderiam ser melhores. Brasília é a terceira cidade que mais vende softwares no Brasil e tem tudo para ser a primeira. A começar pela implantação da **Cidade Digital**. O projeto do GDF, que conta com o total apoio da iniciativa privada, visa dobrar o volume de exportações e criar cerca de 20 mil novos postos de trabalho. Potencial e condições para o sucesso da empreitada a região tem de sobra. Para se ter uma idéia, quatro das maiores empresas brasileiras do setor são daqui. A Cidade Digital vem aí para trazer desenvolvimento econômico para o DF e melhorar a vida de todo mundo. Em especial do Marco, que, meio sem saber, fez o curso certo, no lugar certo e na hora certa.

CIDADE DIGITAL.

DESENVOLVIMENTO, EMPREGO E RENDA PARA TODO O DF.



Agência de Desenvolvimento
Econômico e Comércio Exterior

